

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES

ARIANI ALENCAR JOÃO

**DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS: UMA PRÁTICA DE
INTEGRAÇÃO E ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO**

MATINHOS
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES

ARIANI ALENCAR JOÃO

**DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS: UMA PRÁTICA DE
INTEGRAÇÃO E ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado à Banca Avaliadora da
UFPR – setor litoral, Universidade
Federal do Paraná, como exigência
parcial para a obtenção do título de
licenciada em Artes, sob orientação da
Prof.Dra. Gisele Kliemann

MATINHOS
2017

TERMO DE APROVAÇÃO

DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS: UMA PRÁTICA DE INTEGRAÇÃO E ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes, da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, para a obtenção do grau de Licenciado em Artes

ARIANI ALENCAR JOÃO

Professora orientadora
Prof^a. Dr^a. Gisele Kliemann
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Banca examinadora
Prof^a. Dr^a. Suzana Nicolodi
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Banca examinadora
Prof^a. Luciana Ferreira
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre dança circular e educação e nessa união como ferramenta geradora da manifestação de afetos e da conscientização individual e coletiva. O objetivo deste estudo é compreender se elas podem ser levadas para a Educação, podendo trazer mais sensibilidade, integração e acolhimento. A experiência prática se deu com dois grupos, um com acadêmicos da UFPR-litoral e a comunidade da região e o outro de crianças do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Rural José Chemure, também em Matinhos. A principal base teórica foi com Bernhard Wosien, na visão do sagrado e na história das danças circulares, Luciana Ostetto, com a experiência das danças na educação, além da contribuição de outros autores que me embasaram no processo reflexivo. O resultado afirma que as danças circulares sagradas podem ir ao encontro de um educar com sensibilidade, cooperação e respeito, viabilizando a criação de novos sentidos e significados entre os sujeitos nos ambientes escolares, sendo assim, possível para a realização de uma formação mais humana.

Palavras-chave: Dança Circular Sagrada, Educação, Integração, Círculo, Formação humana

Resumen: Este artículo articula danza circular y educación, presentando sobre un probable origen de la danza, la historia de las danzas circulares sagradas, la simbología de lo sagrado y del círculo y relata experiencias prácticas en dos espacios educativos. Busqué teóricamente la base de Bernhard Wosien, en la visión del sagrado y de las danzas circulares, Luciana Ostetto, con la experiencia de las danzas en la educación, además de la contribución de otros autores que me basaron en el proceso reflexivo. Se consideran las danzas circulares sagrada como una posibilidad en ser practicada en la Educación, siendo capaz de traer una concientización individual y colectiva, además de la construcción de procesos educativos que miran al individuo en su totalidad, apuntando así a la creación de un educar con sensibilidad, orientados a la educación formación humana.

Palabras-clave: Danza Circular Sagrada, Educación, Integración, Círculo, Formación humana

Introdução

Entre um passo e outro, me encantei, me encontrei, em cada olhar, gesto, sorriso, movimento... em cada círculo. Poder aprender com cada roda, onde cada giro me ensina, me integra, me emociona, me eleva. Ao conhecê-las me apaixonei com a sua magia e energia, foi assim que decidi caminhar entre rodas de diversos cantos do mundo para conhecer um pouco da cultura dançante da Alma dos Povos. Pensar nessas danças, lembrar a alegria dos antigos, da vida em comunhão com a natureza e o compartilhar entre as pessoas.

A intenção foi a de aprender primeiramente sua origem e características e depois dar as mãos, olhar nos olhos, sorrir e dançar, dançar e dançar com os outros universos humanos que habitam este planeta Terra. Vivenciar o círculo mágico da vida, a energia do Todo, do Universo, da Natureza, da Vida. Poder ser encantada e encantar aqueles que escolhiam estar dentro da roda, vivenciando a religação com o centro.

Tudo que a energia do Universo realiza completa-se em um círculo. O céu é redondo e eu escutei que a terra é redonda como uma bola e assim também são as estrelas... O vento, em sua imensa força, faz redemoinhos. Pássaros constroem ninhos redondos, pois eles têm a mesma religião que nós. O sol ascende e declina em um círculo. O mesmo faz a lua e ambos são redondos. As estações do ano, em suas mudanças, formam um grande círculo e retornam sempre. A vida dos seres humanos descreve um círculo, de infância a infância, e assim é com tudo o que é movido por uma energia. Nossas tendas eram redondas como ninhos de pássaro e sempre dispostas em um círculo, o círculo de nosso povo, um ninho de muitos ninhos, nos quais nos criamos e cuidamos de nossa criação segundo a vontade do Grande Espírito. (BYDLINSKI, 1983 *apud* WOSIEN, 2002:16).

Neste artigo, pretende-se entender um pouco mais sobre o Sagrado dessas danças, sobre essa energia transcendental presente nas danças, e a conexão com o poder criador invisível que mora no silêncio. A partir desta compreensão a questão que se coloca é se essa energia pode ser resgatada por nós e levada para a Educação, podendo trazer mais sensibilidade, integração, acolhimento, afeto e encontro de si?

Unindo dança e educação, este artigo apresenta e trata assuntos fecundados no processo de pesquisa teórica e da prática realizada com dois

grupos de estudantes: um do Ensino Fundamental, no estágio obrigatório de Dança realizado no curso de licenciatura em artes e o outro de um minicurso que ofertei no Ensino Superior, para estudantes e aberto também para a comunidade, no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

A pesquisa iniciou com uma breve síntese sobre uma possível origem da dança e do significado das Danças Circulares Sagradas, sobre o que seria esse Sagrado, do meu relato dessa experiência na Educação e a conclusão dessa trajetória dançante. Na sequência, buscou, por meio da roda, de uma demonstração expressar a afetividade, os sentimentos, uma sensibilidade que supostamente se encontra perdida dentro do ensino educacional. Este processo se deu sem o uso de técnicas específicas, mas pela criação de um espaço em que se pudesse compartilhar afeto, emoção, intuição e alegria, no qual fosse capaz de tocar cada indivíduo da roda na sua totalidade, que é exatamente o que traz a proposta simbólica do círculo.

A dança e as Danças Circulares Sagradas

“A dança mata o eu; e quando o eu está morto, não há mais nenhum obstáculo para que se concretize a união com Deus.” (Nikos Kazantzákis)

A dança é uma expressão humana presente em todas as civilizações, culturas e religiões como parte fundamental na vida dos povos, manifestação espontânea do ser. Como diz Maria-Gabriele Wosien (2002:7), “(...) é o retrato dinâmico da história humana. Ela nos relata a experiência do entusiasmo, da presença plena e atemporal que une o ser humano com o divino.”

Sua história nos mostra que ela está presente desde os primórdios da origem da humanidade até os dias de hoje e que originalmente todas as danças eram sagradas. Para Vargas (2009:43) “o ser humano, antes de falar, já dançava. A dança foi sua primeira manifestação social, uma prática corporal que nasceu junto com ele (...)”. É a atividade mais antiga da humanidade, sendo, antes, uma ação de culto à Natureza, a Deus e às energias infinitas do mundo.

De acordo com (Wosien¹, 1996:8 *apud* Wurzba, 2009:48), “para o homem primitivo as plantas, os animais, as estrelas, o céu, a terra e os homens estavam unidos numa única energia – o todo participava do todo. Dançar significava harmonizar-se com os poderes cósmicos”. No entanto, ela ainda possui um caráter místico e religioso e é tida assim em muitas comunidades tradicionais, sendo transmitida de geração em geração desde tempos imemoráveis.

[...] Nas sociedades primitivas, criou-se o hábito da dança, interpretando espontaneamente, com o movimento do corpo e seus ritmos essenciais, os momentos importantes da existência. A dança era um feito público e social, e não era um espetáculo” (PASI *apud* VARGAS, 2009:43).

Como diz Wosien (2002:7), “O espírito e a natureza, Deus e sua criação, foram separados em todos os mitos das origens. Na dança, como exercício de fé e de vida, eles se fundem novamente numa unidade.”

As danças em roda buscam resgatar o encontro dessa unidade perdida dentro de nós, proporcionando a observação e o contato com nosso centro criador.

Tudo que é dividido e tudo que perdeu o sentido anseia pela unidade. O aprisionamento no mesquinho, no mundo pessoal-sensível do eu, transforma a vida em sofrimento. Segundo a visão de uma vida, que a cada segundo abriga a possibilidade de renovação, nós estamos no caminho, como os que se transformaram. É necessário o contato com uma consciência total para trazer-nos de volta a nós mesmos, a um novo tornar-se humano de deus, de modo que o tempo não atue só mortalmente. (WOSIEN, 2002:61).

A dança era manifestada em rituais de passagem, como o nascimento, a morte, o culto dos antepassados, à fertilidade, ao plantio, a colheita, a mudança das estações e das luas, entre outras. Em muitos casos, essas danças eram feitas em roda, tendo o círculo, em sua simbologia, a intenção da totalidade, união, igualdade e integração com o divino, consigo e com o outro.

1 O movimento intitulado Danças Circulares Sagradas nasceu com o coreógrafo alemão/polonês Bernhard Wosien quando, em 1976, visitou a Comunidade de Findhorn, no norte da Escócia e pôde ensinar, pela primeira vez, uma coletânea de Danças Folclóricas para os residentes.

No círculo, como reprodução micro-cósmica do espaço primordial, o ser humano, enquanto dançarino, se encontra de novo pertencente à criação. Ele transcende assim o ser dividido do ato da criação, que despedaça a unidade do início na multiplicidade (...) (Ibid, 2002:21).

O círculo é uma das maneiras de nos conectarmos com essa força criadora, são mandalas² em movimento, pois a vida é um movimento constante, a cada ciclo que se inicia e termina, assim como na Natureza, obtemos e transmitimos aprendizados.

Sem começo nem fim, o círculo indica atividade, movimento cíclico e tem como característica a tendência à expansão, ao ilimitado. Por isso, é associado à mudança e às ideias de incorporar, dar e receber. É essa força que atualizamos e vivificamos nas danças circulares. (ÓSTETTO, 2009:186;187)

Ainda para Wurzba (2009:48), “não há povo sem dança; sua aparente ausência deve-se ao fato de que para alguns povos a dança tem um caráter tão sagrado que não pode ser exibida frente a pessoas estranhas”. Portanto, a ancestralidade sagrada da roda na vida dos povos sempre existiu na trajetória histórica da humanidade.

A dança em sua forma circular hoje é resgatada pelo movimento das Danças Circulares Sagradas, que traz consigo danças folclóricas, tradicionais e contemporâneas em suas rodas.

Segundo Ana Lucia Borges (1998:23,24) “(...) a formação de grupo pela roda traz o espírito da união, o contato de mãos e olhos, dissolução de fronteiras e harmonia grupal (...)”. E elas são realizadas por meio de gestos, ritmos e coreografias feitas repetidamente, com o espírito da cooperação e da paz. Não é uma invenção dos tempos atuais, mas o resgate de uma prática ancestral.

As danças circulares que hoje praticamos acolhem e honram diferentes povos e tradições. Na roda, compartilhando música, gestos e significados de culturas diversas, tal como no passado, vivificamos ritos e símbolos (OSTETTO, 2009:179).

² O mandala é uma palavra em sânscrito, que significa círculo sagrado ou mágico, instrumento que traz em si o espírito da integração e da ordem psíquica. Para Jung (1964:241), “(...) o mandala circular mais comum: representa a unidade ou a totalidade da psique ou self, de que fazem parte tanto o consciente quanto o inconsciente”.

O mestre pesquisador dessas danças, Bernhard Wosien esclarece que elas possuem sua origem em pequenos povoados e que a transmissão dessas danças se fez necessária por muitas estarem sendo perdidas. E são bem simples, começando por ensinar o passo, depois se treina em roda esses passos e logo em seguida se dança a música, podendo repeti-las até se permitir ser invadida (o) pelo fluir da dança.

E como se dança? De mãos dadas, o grupo, voltado para um centro comum, descreve formas variadas no espaço. A principal e mais comum é a formação em círculo, que pode abrir-se ou fechar-se, desenhando linhas, espirais, meandros na sua movimentação. As danças de pares são também bastante comuns e lembram diretamente as tradicionais danças de roda festivas. O repertório, amplo e variado, inclui, por exemplo, danças da Grécia, Albânia, Romênia, Iugoslávia, Bulgária, Hungria, Macedônia, Israel, Escócia, Irlanda, Rússia, Índia, Brasil, Países Bálticos, Povos Celtas e da América do Sul (OSTETTO, 2009:179).

Essa repetição não é por acaso, como salienta Wosien (2002:7): “Nela o espírito continua a viver e, pela repetição da forma transmitida pela tradição, liberta-se novamente e se manifesta no prazer.” A prática busca ainda, deixar os pensamentos involuntários de lado e internalizar os movimentos com a canção, possibilitando assim a liberação da mente e do coração e consequentemente a entrega do corpo e do espírito ali presente.

Estar presente na roda, no seu centro, é estar no corpóreo, é saber que manifesta o inconsciente, sua essência natural, da alma que é animada por este corpo, assim como o espírito que é liberado por ele, em uma energia transformadora.

Essas danças podem ser simples e de fácil aprendizado, não tendo necessidade de experiência anterior para participar desses círculos ou podem também ser mais sofisticadas, para quem já dança há mais tempo.

As músicas escolhidas são de todos os países, sendo que as tradicionais e folclóricas não podem ter suas coreografias e gestos alterados, sendo respeitados em suas tradições.

No Brasil, o estudo e a prática das Danças Circulares Sagradas chegaram por volta dos anos 80, por meio do instrutor Carlos Solano, que se

formou com uma aluna de Wosien, Anna Barton, de Findhorn³. Hoje, elas são dançadas por todos os cantos do país, assim como a formação dos focalizadores.

E o que é exatamente esse Sagrado?

De acordo com pesquisas, é possível constatar que o sagrado é a busca do homem primitivo de se aproximar de Deus, da força criadora invisível. “(...) quando o homem dança em honra ao seu deus, é como se abandonasse a si próprio para que o deus o possuísse, significando, assim, uma coparticipação com a divindade”. (BRANDÃO, 1992:136 *apud* WURZBA, 2009:51).

Entende-se assim que a dança possibilita a união do divino com o ser humano, ou melhor nas palavras de Ostetto (2010:40) “A dança é uma forma ancestral de magia, invenção dos deuses que a ensinaram aos homens, diz-nos a mitologia hindu”. Portanto, diversas são as civilizações que buscavam essa conexão e que tinham a dança em si e as de roda como forma de integração e volta a esse sagrado.

Porém, essa proximidade e busca por tal aproximação foi se perdendo com o desenvolvimento das civilizações e com a chegada de algumas outras danças, conforme afirma Wurzba (2009:57) “Desta forma, a dança foi perdendo seu sentido mágico e religioso para adquirir um caráter mais técnico”.

O balé, por exemplo, no começo de sua história se aproximava dos deuses e dos heróis antigos, assim como rituais dos povos primevos, mas foi se afastando dessa origem.

Ainda de acordo com esse pensamento, Wosien (2000:28) diz, “parece que, no mais tardar, este caminho foi perdido, para nós ocidentais, desde a Renascença, e o esforço de reconquistar a bem-aventurada elevação espiritual perdida (...)”.

³ Comunidade holística localizada na Suécia, lugar onde se encontra um dos maiores festivais de Dança Circular Sagrada e formações dos focalizadores (nome usado para designar quem transmite as danças). Porém, essas formações podem ser vistas no mundo inteiro.

Essa elevação é capaz de ser reconquistada nas Danças Circulares Sagradas, onde o técnico não se sobressai ao intuitivo, ao mágico, onde se alcança uma frequência de consciência sublime, pois além do encontro consigo, a roda inteira sente a energia daquela dança que está sendo manifestada no momento.

O dançarino Luiz Eduardo Berni (1998:64) relata também um dos outros porquês do Sagrado, que é manifestado como forma de integração holística (corpo, mente e alma). É a busca pela auto realização, pela consciência cósmica. É uma meditação em movimento, onde o corpo entra em contato com o espírito, a verdadeira essência do indivíduo. Ainda ressalta Wurzba (2009:46), “na dança o homem alcança um estado que não é passível de ser descrito por palavras; não se trata apenas de uma sequência de movimentos executados por um corpo, mas algo mais amplo, cujas dimensões são indefiníveis (...)”.

Para Wosien, o termo Sagrado diz respeito também, por essa dança expressar e fazer as pessoas experimentarem a sabedoria da Alma dos Povos e as qualidades espirituais, assim como afirmei anteriormente.

Verena Kast (1998:19 *apud* Wurzba, 2009:65), afirma que “em algo externo pode-se revelar algo interno, em algo visível algo invisível, em algo corporal o espiritual, no particular o geral”.

Wurzba (2009:65) ainda nos diz que, “o homem, quando dança, pode acessar conteúdos da camada mais profunda da psique”.

Entretanto, essa dimensão mágica da psique pode ser encontrada não só no homem primitivo, mas também está presente e pode ser ativada, por meio da dança, na psique do homem moderno. (Ibid, 2009:76).

No momento atual em que vivemos com a exacerbação das novas tecnologias, do consumo, e perda da sensibilidade e da conexão com o sagrado, podemos perceber que o indivíduo moderno e pós-moderno descaracterizou e se desvinculou da integração com o Uno (mas ela está presente, precisando ser desperta), dando valor maior ao material em detrimento do espiritual, ao contrário das sociedades primevas, que vêem a dança como uma forma de ir ao encontro desse sagrado perdido, do ser espiritual.

Toda dança nos remete a uma outra dimensão da existência, onde as condições espaciais e temporais adquirem novos significados. Dançar é sentir-se participante no mistério da existência. Não só vivenciar no corpo a sua finitude, mas, através dele, alcançar a liberdade, a sensação de se estar além de si mesmo, o abrir-se para uma multiplicidade de possibilidades. (Ibid, 2009:67).

A dança circular, portanto, é uma prática na qual o indivíduo é capaz de se integrar consigo mesmo (sentimentos, corpo e pensamento) e de se observar. É uma ferramenta de autoconhecimento, comunicação, libertação e manifestação do potencial criativo e espontâneo do interior de cada pessoa. O movimento corporal pode reconectar o homem inferior com o seu Eu Superior.

A dança, por isso, não é apenas a transparência do divino, assim como uma janela aberta, uma vista para o divino. A dança também não é uma viva imagem remanescente – a dança é, em tempo e espaço, um signo, um acontecimento visível, uma forma cinética para o invisível. (WOSIEN, 2000:27).

Assim me pergunto se as Danças Circulares Sagradas tem a capacidade de fazer esse encontro acontecer e por meio dessa volta ancestral, resgatar o ser sensível consciente da sua origem, que habita dentro de todos nós, mas que muitas vezes, nos esquecemos de nos conectar com ele, mas em uma consciência mais afetuosa e sutil?

Há tempos estas danças tradicionais eram de propriedade de comunidades étnicas, sociais e religiosas e por gerações foram herdadas. Hoje elas se oferecem a todos aqueles que estiverem abertos para esta oferta, para a possibilidade do autoconhecimento na comunidade. (...) Originalmente forma e conteúdo eram um, como arquétipos de uma visão holística do mundo, pelo que essas danças hoje podem nos apontar o caminho para uma nova interioridade. (WOSIEN, 2002:64)

Posso afirmar de acordo com as minhas pesquisas, experiência em rodas e focalizando essas danças, que elas possuem essa eficácia, que a interiorização que ela nos permite vivenciar nos traz para dentro do sagrado que habita dentro e fora de nós.

Danças Circulares Sagradas: minha experiência na Educação

Essas danças chegaram até mim por meio da proposta de pesquisa do Projeto de Aprendizagem⁴ (PA), integrante do Projeto Político Pedagógico da UFPR-setor litoral Matinhos, Paraná. Conheci as danças e resolvi aprofundar a pesquisa sobre elas. Durante as pesquisas, resolvi ir atrás de lugares onde eu poderia participar de rodas e nessa busca encontrei o Centro de Artes Guido Viaro, em Curitiba onde tinha aulas de Danças Circulares de graça e me inscrevi, depois dessas práticas não parei mais de dançar. Assim comecei a minha trajetória dançante dentro e fora da universidade.

Participei de uma vivência de três dias com diversas danças no Sesc Consolação, em São Paulo e rodas na Casa de Cultura de Matinhos. Depois dessas experiências, resolvi começar a fazer algumas rodas na UFPR. Muitas das minhas práticas se deram na UFPR, mas resolvi transpassar os muros da universidade e levá-las para outros espaços educacionais, como no meu estágio de dança na Escola Municipal Rural José Chemure, na Colônia Maria Luiza, na estrada Alexandra Matinhos, em festas, rodas de formação de educadores do ensino básico, ICHs⁵, CMEI Raquel de Silvino e Caminho Alegre, praças públicas, entre outros, todos em Matinhos.

Diante das minhas pesquisas e vivências nas rodas, percebi que elas poderiam ser uma forma de trazer o espírito de integração e motivação para os estudantes, professores e as pessoas no geral.

Entre as minhas experiências com as Danças Circulares Sagradas irei relatar duas, sendo uma delas o minicurso de cinco dias que ofertei na UFPR-litoral, em Matinhos, no Paraná, para acadêmicos e a comunidade, e a segunda, nas aulas do estágio de dança.

4 O Projeto de Aprendizagem é faz parte da Proposta Pedagógica da UFPR-litoral em que os alunos desenvolvem projetos de acordo com os seus interesses, orientados por professores que os estimulam e desafiam objetivando o desenvolvimento de processos de aprendizagem.

⁵ São encontros que ocorrem semanalmente, integrando estudantes dos diferentes cursos, o ICH constitui-se num espaço de aprendizagem interdisciplinar. Possibilita a articulação de diversos saberes (científicos, culturais, populares e pessoais) e busca um olhar mais amplo para a problemática cultural e humanística contemporânea. (Interação Cultural Humanística)

O minicurso foi parte da finalização do meu P.A e foi viabilizado junto ao Projeto de Extensão Laboratório de Criação e Produção Artística (Lab. Artes), onde eu fui voluntária e bolsista durante um ano. O objetivo foi além de colocar em prática meu P.A, possibilitar que essas danças estivessem presentes dentro do espaço acadêmico, podendo gerar uma consciência coletiva de integração, sabendo que, muitas vezes é visto nesses espaços muita competição e estímulos apenas mentais. É poder vivenciar o estar-junto dançando.

O ser humano não é movido apenas pelo pensamento, mas também pela sensibilidade, pelo que experimenta e vive, aprendendo através de suas manifestações, do seu expressar espontâneo. (FIAMONCINI, 2002-2003:62).

Foram cinco dias de curso, com aulas de duração de 2h, totalizando 10h. As aulas, em formato de oficina, tiveram a participação de 8 a 14 pessoas, sendo estudantes e moradores da comunidade, com idades entre 18 e 40. Eu comecei distribuindo um questionário para eles preencherem sobre o que entendiam sobre as Danças Circulares e se já haviam participado de alguma roda.

Em seguida, apresentei slides sobre a história das Danças Circulares, a simbologia do sagrado e do círculo e sobre Bernhard Wosien. Em cada encontro fazíamos exercícios de expressão corporal e interação grupal e, em seguida, nos juntávamos em roda para aprender e praticar danças de diversos lugares do mundo, como da Irlanda, Escócia, Brasil, Inglaterra, Turquia, entre outros. As danças foram: Dança do Sol; Irish Mandala; Soldiers Jois; Ciranda de Luz; Oxo; Rights of Men; Pé de Nabo, da Palavra Cantada; Somewhere; Vento do Norte; Ah, se eu vou, da Roberta de Sá, Specknerin, Kalenin di Binde; Cirandeiro; Tumiaki e Te Ofereço Paz.



Fonte: foto na antiga tenda da UFPR, no terceiro dia do mini-curso.



Fonte: foto na antiga tenda da UFPR, no terceiro dia do mini-curso.



Fonte: na sala do Conselho na UFPR, no primeiro dia do mini-curso

Em cada encontro eu mencionava sobre a importância da escuta da dança e do seu ritmo, além da energia em grupo, para que pudessem fluir com a música, se concentrassem em si e na roda e se entregassem de coração e não se deixassem levar pelas preocupações de que não estavam “fazendo” direito ou que não sabiam acompanhar o ritmo e a canção. A orientação foi dada para que pudessem sentir a harmonia do grupo, a socialização amorosa e a sintonia que cada momento em roda trazia.

A minha segunda experiência foi no estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Artes, na linguagem da dança, também no ano de 2015, na Escola Rural Municipal José Chemure, localizada na estrada Alexandra Matinhos, no Paraná. A escolha desta escola se deu pela vontade de passar por uma experiência em uma escola do campo. A escola é mantida pela Secretaria de Educação de Paranaguá e oferece ensino do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de nove anos, em turmas multisseriadas.

O estágio se deu com a turma de 4º e 5º ano, num total de 12 estudantes entre 9 e 10 anos. As aulas foram supervisionadas pela educadora Marli Bonaldi

e ocorreram no período vespertino (contra turno) das 14h às 16h, pois achei melhor ter mais tempo de prática, e como eles moravam perto da escola ficou possível fazer dessa maneira.



Fonte: foto tirada pela professora Marli, na Escola Rural Municipal José Chemure.

O objetivo do plano de aula apresentado para a escola foi o de criar situações de aprendizagem, aplicando conteúdos didáticos da área de dança, visando promover o reconhecimento e a importância da consciência corporal e coletiva, através de vivências de danças circulares. Na primeira aula, fiz a prática de danças circulares, primeiramente começando com harmonização deles dentro da roda e alguns movimentos de direções como esquerda, direita, frente e trás, para já familiarizarem com esses passos que são presentes em quase todas as danças. Comecei com a dança Vento do Norte, depois fizemos Cirandeiro, Tumiaki (dança indígena dos Tapajós), a que eles mais gostaram, pois queriam fazer em vários momentos e finalizei com a cantiga popular Peixe Vivo.

Na segunda aula, retomamos a dança Tumiaki, Peixe Vivo e mais duas novas, Te Ofereço Paz e Pé de Nabo, da Palavra Cantada. Todas as aulas ocorreram de forma tranquila, mesmo quando ficavam agitados, e eu respeitava

esse momento de euforia deles e esperava eles “abaixarem” a energia conversando e falando da importância deles participarem das aulas.

Foi muito gratificante a prática das danças com a turma, uma vez que, me relataram que nunca tinham feito Danças Circulares e nenhuma dança na escola e em nenhum outro lugar, então aquele momento foi único para eles e para mim. Puderam conhecer as danças, vivenciar a socialização em roda e se divertir em cada momento que estivemos juntos. Foi possível perceber a interação deles no grupo e o interesse em aprender e praticar as danças.

A minha intenção não foi dar aulas de dança em nenhuma das duas vivências e ensinar técnica por técnica, mas criar um círculo de união, de conexão grupal onde as pessoas pudessem vivenciar o coletivo de forma integrada, sem deixar de afirmar suas individualidades e respeitando as diversidades de cada um presente na roda.

Experimentar as músicas, os gestos, os ritmos e os passos dos diversos povos, apoiando e sendo apoiada pela roda, faz com que os dançantes entrem quase que imediatamente em um campo novo de aprendizagem, encantador e provocador, conectando as pessoas de forma harmoniosa. Sendo também um convite para conhecer, por meio do ritmo, da melodia e dos movimentos, a história de outra cultura.

Naturalmente, o simples ato de dançar junto aproxima fronteiras, integra, sensibiliza, estimulando os integrantes da roda a respeitar, aceitar e honrar as diversidades e se ver no outro. Valores esses tão importantes no ato de educar, mas muitas vezes esquecidos ou simplesmente negados. Sendo que, o processo de se educar também se dá nas relações humanas, na convivência com as diferenças, onde educadores e educandos lidam com suas individualidades, mas que dentro dos espaços escolares aprendem a se respeitar também no coletivo.

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência (MATURANA, 2009:29).

Ainda segundo o educador Humberto Maturana (2009:30), “vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, porque assim aprenderá a aceitar e a respeitar os outros” (MATURANA, 2009:30).

Tanto o respeito quanto a aceitação são fundamentais quando se busca por uma Educação humanizada e diante disso, sinalizo a possibilidade de se vivenciar as Danças Circulares Sagradas nos ambientes escolares, - no caso das minhas experiências, no ensino fundamental e superior, mas também em todos os níveis de ensino - pelas possibilidades que ela contém em sua prática como já citados. E ainda, segundo dados levantados pela pesquisadora em danças brasileiras, Carolina de Miranda Borges, as danças circulares possuem mais algumas outras funções e benefícios:

(...) leveza, alegria, beleza, serenidade e bem-estar; proporcionar o trabalho em grupo, sem a perda da individualidade; mostrar a diferença entre as pessoas; desenvolver o apoio mútuo, a integração, a comunhão e a cooperação; proporcionar autoconhecimento e autocura; harmonizar o grupo antes e depois de praticar suas tarefas cotidianas; trazer musicalidade e ritmo para a vida diária; equilibrar o corpo físico, mental, emocional e espiritual; ampliar a percepção, a concentração e a atenção; encorajar as pessoas a ocuparem o seu lugar e o seu espaço; trazer flexibilidade e autoconfiança para a vida e ajudar a combater o estresse e a depressão (BORGES, 2013:7).

A vivência coletiva que também me motivou a estudar mais as Danças Circulares Sagradas me fez perceber que essa energia integradora de fato existe, que entramos de um jeito e saímos transformados de uma roda. E ainda, que o círculo realmente tem esse poder de centralizar, nos trazer para dentro de nós mesmos. Em grupo essa experiência é potencializada, nos trazendo para uma consciência coletiva, nos fazendo resgatar os valores do amor, da compaixão, do respeito, da cooperação, da humildade e da união.

O que faz a vivência da dança ser singular é que quando a utilizamos, por suas características de mobilizar corpo e afeto, ela promove uma consciência que integra o sujeito com o coletivo, com as parcerias. O sujeito em círculos, de mãos dadas, toca e é tocado, olha para o corpo do outro, e é olhado, é reconhecido e entra em conexão com o grupo. Assim sendo, a dança provoca um tipo de consciência que vai além do saber-se de si – é saber de si mediado pelo outro, pelo coletivo do trabalho (ANDRADA; SOUZA, 2015:367 *apud* FREITAS; ANGELO, 2016:4).

Acredito que esses valores acima também precisam ser resgatados dentro dos espaços escolares, em busca de um novo olhar para o ato de educar e ser educado. Vejo nas Danças Circulares Sagradas essa possibilidade, trazendo o ser para o mundo das emoções, da sensibilidade e da intuição, unido com o da razão.

Numa sociedade individualizada e racional, abrir espaço para as danças circulares é incentivar também o saber emocional, a sensibilidade e a consciência de grupo e valorizar a integração (...) (ANGELO, 2016:1 *apud* FREITAS, 2016:1).

As DCS, além de serem de fácil aplicação na educação, constituem uma oportunidade de trabalhar a cultura dos povos dançantes, como por exemplo, seus costumes, os figurinos das danças folclóricas, sua história, além da integração das outras linguagens artísticas, como a consciência corporal, elementos da música como ritmo, melodia, intensidade, duração, entre outros.

É trazer para o dia-a-dia escolar o espírito de união, de totalidade, que simbolicamente o círculo é capaz de resgatar. Onde na roda, todos são iguais, ninguém é melhor que ninguém, juntos de mãos dadas vivenciam a energia integradora do momento presente e não a frieza da razão do quadrado da sala de aula, da distribuição das mesas enfileiradas, do sistema engessador e dos métodos limitadores. Uma nova maneira de ver e viver a Educação se faz necessária nos dias atuais e a valorização das rodas pode ser uma rica e valiosa ferramenta para essa mudança.

O quadrado pode ser estrutura que organiza, oferece base, mas também pode ser grade que aprisiona e estanca o fluxo do movimento. Através das Danças Circulares, vi a educação na fôrma, quadrada e imaginei: se as práticas educativas fossem arredondadas, tudo poderia fluir melhor. Não poderia? Haveria menos problemas de aprendizagem, menos indisciplina, reprovação e doença de professores... Sonho: o círculo, que agrega tudo e todos, girando na educação. Apareceu-me como uma imagem catalisadora, com a força capaz de inspirar a ação educativa nas mais variadas direções (OSTETTO, 2005:155 *apud* FREITAS, 2016:4).

Considerações finais

“Hoje a roda me encantou, com olhares e sorrisos. De mãos dadas, ela se manifestou, com paz e harmonia. A dança que desperta alegria. Hoje a roda me mostrou que é seguindo o caminho do coração, com espírito alegre e vibrante que vou aprendendo a girar, a me (re) encontrar, me (re) conectar. Encontros comigo e com o próximo, na dança da vida, na dança do Cosmos!” Ariani A. João

Diante das reflexões teóricas e das experiências com a dança circular sagrada no ensino fundamental e superior, torna-se evidente que elas são uma poderosa ferramenta para despertar a conscientização individual e coletiva, capaz de gerar sentimentos de integração, respeito e de união. E que podem ser levadas para as salas de aula e outros espaços educacionais, mobilizando corpo e afeto com o outro, com quem se toca, com quem se dança, com quem se caminha lado a lado na roda.

Perante a realidade em que se encontra a maioria dos ambientes escolares, repletos de disciplina, rigidez, fragmentação do conhecimento e do corpo com a mente, as rodas de danças se mostram como um instrumento potente de ser trabalhada na educação para um despertar do coração, de uma alma vibrante, do ser em sua totalidade.

É trabalhar dentro dos espaços escolares uma educação do sensível, que acredito ser importante para as crianças, jovens e adultos, cujo objetivo principal dela seja a realização da formação humana e não apenas uma formação preocupada em apenas passar inúmeros conteúdos, que muitas vezes, não condizem com a realidade dos educandos ou não estão ligados às suas vidas.

O saber sensível é a possibilidade aventada para novas formas de elaboração do conhecimento, tendo como ponto de partida a existência humana, ou seja, o vivido. A sensibilidade precisa ser retomada como um conhecimento/saber válido que represente a volta do sujeito e da subjetividade na produção do conhecimento, trazendo à tona temas que são indubitavelmente importantes, como a felicidade, a paz, a beleza. (FIAMONCINI, 2002-2003:65).

A experiência vivida com os dois grupos teve como foco levar a experiência da dança em círculo, além de tocar cada ser presente na roda, para que tivessem o contato consigo mesmo, com o outro e com o espírito da Alma dos Povos de diversos cantos do mundo.

Apesar da diferença de idade entre os dois grupos eu percebi que meu principal objetivo foi alcançado em ambos. A individualidade de cada ser presente respeitada e sendo integrada em um círculo de afeto, respeito e união.

Esse espírito se manifestou nesses dois espaços e vi essas danças como uma chave para abrir as portas de uma nova educação, transformadora, significativa e acolhedora. É saber tocar e ser tocado, é possibilitar que as danças circulares sagradas retomem a subjetividade, o saber pelo sentir consigo e com o outro, muitas vezes esquecido nas salas de aula. É incentivar a experiência corpórea do autoconhecimento e de um pertencimento coletivo.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Claudia Laus; FREITAS, Diana Paula S. de. **Potencialidades das danças circulares na formação acadêmico profissional de professores (as).** In: XIV Encontro sobre Investigação na Escola "Educar para democracia e a justiça social" Uruguiana, 27 e 28 de agosto de 2016 UNIPAMPA - Campus Uruguiana, p. 1-6. Disponível em:

<http://www.dancacircular.com.br/waUpload/diana-freitas-x00015092016090820.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BORGES, Caroline de Miranda. **EFDeportes.com, Revista Digital.** Buenos Aires, Año 18, Nº 184, Septiembre de 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 20 mar. 2015.

CARL, Gustav Jung. **O Homem e seus Símbolos.** [et al.]; [concepção e organização Carl G. Jung]; tradução de Maria Lúcia Pinho. – 2. ed. especial. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

FIAMONCINI, Luciana. **Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética.** Pensar a Prática 6. Universidade Federal de Goiás, p. 59-72, jul/ jun 2002-2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/16055/9840>. Acesso em: 25 out. 2017.

LIMA RAMOS, Renata Carvalho. **Danças Circulares Sagradas: uma proposta de educação e cura.** In: BERNI, Luiz Eduardo V. **Danças Sagradas: uma técnica de meditação ativa.** São Paulo: TRIOM: Faculdade Anhembi Morumbi, 1998.

_____. **Danças Circulares Sagradas: uma proposta de educação e cura.** In: BORGES, Ana Lucia. **Dança: uma herança à disposição de todos.** São Paulo: TRIOM: Faculdade Anhembi Morumbi, 1998.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Minas Gerais: UFMG, 1998.

OSTETTO, Luciana. **Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores.** Cedes, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 40-55, jan.-abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a04.pdf>. Acesso em 15 mar. 2017.

_____. **Na dança e na educação: o círculo como princípio.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 35, n.1, p. 165-176, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v35n1/a12v35n1>. Acesso em 12 mar. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). Matinhos, 2017. Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/pdfs/2009/PPP%20-%20UFPR%20->

[%20LITORAL Set 2008 Alteracao Dez 2008 Impress%E3o.pdf.](#) Acesso em 05 dez. 2017.

VARGAS, Lizete Arnizaut Machado de. **Escola em Dança – movimento, expressão e arte**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

WOSIEN, Bernhard. **Dança: um caminho para a totalidade** / Bernhard Wosien; edição Maria-Gabriele Wosien; tradução Maria Leonor Rodenbach, Raphael de Haro Junior. São Paulo: TRIOM, 2000.

WOSIEN, Maria-Gabriele. **Dança Sagrada: deuses, mitos e ciclos** / Maria-Gabriele Wosien; tradução de Maria Leonor Rodenbach e Raphael de Haro Júnior. São Paulo: TRIOM, 2002.

ZIMMERMANN, Elizabeth. Corpo e individuação. In: WURZBA, Lilian. **A dança da alma – a dança e o sagrado: um gesto no caminho da individuação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 38-98.